

O LIVRO
DAS CRISES



JOUT JOUT TÁ TODO MUNDO MAL



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Julia Tolezano da Veiga Faria

Grafiã atualizada segundo o Acordo Ortogrãfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto grãfico

Alceu Chiesorin Nunes

Ilustração de capa

Bruno Romão

Preparação

Beatriz Antunes

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Adriana Moreira Pedro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jout, Jout

Tã todo mundo mal : o livro das crises / Jout Jout [Julia Tolezano da Veiga Faria] – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2720-7

1. Crônicas brasileiras I. Título.

16-02924

CDD-869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira

869.8

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

Prefácio — por Caio Franco, 9

Apresentação, 15

A crise da ilusão materna pré-festa, 19

A crise da puberdade injusta, 23

A crise da festa versus moletom, 28

A crise de quando fui cadeira, 33

A crise do “podia não ter acontecido”, 38

A crise da decepção atrasada, 42

A crise da paixão desagradável, 46

A crise da aversão à estética, 49

A crise do corpo de mentira, 54

A crise da liberdade tardia, 58

A crise constante que era ter um Tamagotchi, 62

A crise de quando você nota que sua vida não é uma série, 65

A crise da poeira desnecessária, 69

A crise da ausência de talentos, 72

A crise de não curtir o paraíso em paz, 76
A crise do escritório, 79
A crise do medo da possibilidade de um estupro, 90
A crise da crise que eu não sabia que estava ali, 95
A crise da minha amiga, 98
A crise de ter um emprego esquisito, 102
A crise do medo de críticas, 108
A crise da possível polêmica de uma siririca, 111
A crise de ser amada/odiada demais, 115
A crise de “o que aconteceu com o gato de Maria Cláudia?”, 119
A crise das histórias do meu pai, 120
A crise do irmão mais novo crescido, 124
A crise do Gregorio, 127
A crise das marcas que não entendem, 130
A crise da liberdade excessiva, 136
A crise de quando Caio sai, 140
A crise dos puns quentinhos, 143
A crise de ter que ser empurrado, 146
A crise do agora não dá, 149
A crise do que é prático versus romântico, 152
A crise do sexo da vida real, 155
A crise de quando meu namorado não pegou sarna, 160
A crise de não conseguir devolver as coisas dos outros, 163
A crise de quando sobra uma quantidade irritante de comida no prato, 166
A crise de não saber lidar com a morte, 170
A crise de ser uma amiga ruim, 171

A crise de não ser a confidente, 175

A crise de influenciar demais, 178

A crise do primeiro namorado, 182

A crise da culpa hereditária, 185

A crise de ficar no chinelo, 189

A crise das coisas que parecem certas na hora, sem um motivo aparente, e você acaba duvidando da validade delas por isso, e depois acha tranquilo, porque tudo bem, 191



A CRISE DA ILUSÃO MATERNA PRÉ-FESTA

Quando nasci, minha mãe me pegou nos braços e falou:

— Você é a pessoa mais especial que já existiu no planeta.

Depois ela repetiu essa mesma frase inúmeras vezes ao longo da minha vida. Nunca diga isso para os seus filhos. Se eles acreditam, dá uma merda sem tamanho. Eu acreditei. Por vários anos. Até chegar à puberdade e destruir toda a autoestima que tentei construir — com a ajuda da minha mãe — com tanto suor. O que dificulta é que mães são imunes à puberdade.

Elas continuam acreditando que somos especiais, e as reafirmações de grandeza não acabam.

Dentre todas as certezas da minha mãe, a de que mais me lembro é a seguinte: sempre que eu ia a uma festa, ela me falava:

— Sinto que hoje você vai encontrar o seu príncipe encantado.

Uma grande mentira. Eu sabia que era uma grande mentira. Todo mundo sabia que era uma grande mentira. Eu falava:

— Mãe, que grande mentira.

Mas uma pequeníssima parte de mim acreditava um pouquinho naquilo e, assim, uma microchama de esperança se acendia no meu peito de adolescente insegura cheia de espinha, sem queixo e com cabelo alisado escorrendo pela cara até a cintura. Afinal ela sentiu. E quando uma mãe sente é quase certo que vai acontecer. Ela falava “vamos ver”, mas era evidente que não aconteceria nada parecido. Nada no mundo é mais certo que isso. Eu nem sabia se acreditava mais em príncipe encantado. Absolutamente tudo me afastava dessa afirmação ridícula. Mas, ainda assim, havia aquela microchaminha.

Lá ia eu para as festas, com um lápis de olho que em nada concordava com o formato do meu olho e com a promessa vazia de um grande amor. Já chegava passando os convidados em revista para ver se detectava algum primo de alguém que eu não conhecia, algum amigo do prédio de alguém, algum primo do amigo do prédio de alguém. Mas não! *Não era essa a intenção da festa!*, eu pensava. Eu tinha que me divertir, dançar, criar lindas memórias — *mas olha lá aquele menino, não conheço aquele menino, será ele?* Uma vergonha sem fim.

Em dado momento da festa eu esquecia por alguns minutos essa palhaçada de príncipe encantado e conseguia esbanjar uns passos de funk.* Comia uns brigadeiros e tomava uns frozens** porque era essa época. Até chegar aquele fim de festa em que os casais já estão formados, quem pegou, pegou, quem não pegou, não pega mais. E ia sobrando a galera da ilusão. Aqueles cujas mães juraram que se dariam bem.

Como eu queria dizer que fui uma adolescente superbem resolvida, que não ligava para rapazes, que não

* Eu era referência em passos de funk na época. Hoje não consigo fazer um simples quadradinho.

** Frozen era um “drink” de raspa de gelo distribuído em toda e qualquer festa de quinze anos niteroiense servido nos sabores tangerina e limão. Não levava álcool, mas tinha a sensação de álcool, o que fazia os jovens pensarem que estavam se perdendo na vida.

me apaixonava por meninos no emprestar de uma borracha, que não chorava vendo *Moulin Rouge*. Ó, céus, como eu queria. Mas a verdade é que no final da noite eu arranjava um lugarzinho isolado para — pasme — conversar com a lua. Eu olhava para ela e silenciosamente dizia: “Não foi dessa vez. Mas pelo menos eu tenho você. Você está sempre aí para mim, não é mesmo?”, e a partir daí era ladeira abaixo no drama. Drama este que poderia ser evitado com um simples “divirta-se na festa, filha. Espero que seja o.k.”.



A CRISE DA PUBERDADE INJUSTA

Eu tenho uma teoria. Dos zero aos doze anos eu era impecável. Um doce de pessoa, delicada, cachos perfeitos, rosto harmônico, pele de pêssego, um amor. E então os treze anos se aproximaram e as pessoas passaram a chamar minha beleza de “exótica”.

Meu queixo parou de crescer. Ele simplesmente parou. Inclusive isso tinha um nome médico que eu não vou lembrar agora. Mas não seria uma crise se parasse por aí. Meu rosto foi tomado de espinhas. Por todos os lados. Elas começavam onde acabava o cabelo e iam descendo; testa, bochechas,

têmporas, queixo, até pararem no pescoço. Coçavam, doíam. Meus braços também desenvolveram umas bolinhas que eu nunca soube o que eram. Pelos em lugares estranhos. Pelos grossos! Incontáveis pelos! De repente meu sovaco fedia. E eu não estava acostumada a usar desodorante porque não existia isso de sovaco fedendo. Foram inúmeras as vezes que me esqueci de passar desodorante e tive que ficar de casaco o resto do dia para abafar a situação. Meu cabelo desistiu de ser cacheado para se tornar uma imensa nuvem sem estilo definido, que eu achei ingenuamente que poderia domar com alisamentos de todos os tipos. O máximo que consegui depois de muito formol foi um cabelo liso que tinha as pontas triplas mais secas que este mundo já viu, e que escorriam pelas bochechas até cobrir os peitos, aumentando ainda mais a oleosidade do rosto e das costas. E Deus me livre colocar esse cabelo para o lado! Tinha que ser dividido milimetricamente ao meio, senão as pessoas iam me achar arrogante. E pior do que um rosto tomado de espinhas era alguém na minha sala achar que eu estava querendo “me mostrar”. O truque para evitar isso era posicionar o pente na direção do nariz e ir escorregando para trás até ficar *bem* no meio. E no final do dia eu amarrava aquilo tudo num rabo de cavalo baixo, péssimo.

Era essa a imagem com a qual eu tinha que lidar todos os dias. O que eu não daria para poder voltar

naquela época e fazer um rabo de cavalo *alto*. Eu já estava na pior e parecia que minhas escolhas de como cuidar do meu corpo só me empurravam mais para o fundo desse poço imundo que é a puberdade.

Assim começou a fase máxima da rejeição. Eu, que era a coisa mais doce e amorosa na infância, virei uma menina sem queixo e esquisita que, para aguentar a fase, começou a ficar carrancuda e grosseira. Obviamente nenhum menino da sala estava muito a fim de andar de mãos dadas no recreio, mas ao contrário do que os filmes nos dizem, mesmo com a beleza exótica descrita acima, eu estava sempre rodeada de amigos. Meus recreios nunca eram solitários, e sempre havia alguém dormindo lá em casa. Logo percebi que minha nova aparência não ia ser meu maior atrativo e tive que arranjar uns outros jeitos de atrair as pessoas. Me faltava queixo e autoestima, mas eu fazia qualquer pessoa que colasse do meu lado morrer de rir. Era uma excelente ouvinte, as pessoas faziam fila para desabafar comigo, chorando nos meus ombros (geralmente meninos sofrendo por outras meninas), amiga melhor que eu não havia. Apesar de isso ser um alívio, eu ficava mal de cabeça porque os rapazes iam à escola, morriam de rir comigo, se apaixonavam pelas minhas amigas ou qualquer outra menina, eram rejeitados e vinham chorar no meu colo depois.

Esse é o tipo de crise ingrata, porque você não pode ficar triste por uma coisa que, afinal, não é ruim. Você não reclama, porque seria injusto da sua parte — tem gente que nem amigos tem, não é mesmo? —, mas isso vai dando uma revolta, e tudo o que você quer é que alguém segure um pouquinho a cabeça de um outro alguém que esteja chorando por você. Não importava que eu tivesse amigos ótimos, pessoas que confiavam em mim, gostavam da minha companhia e queriam estar ao meu lado. Mas e os namoradinhos? Eu *precisava* dos namoradinhos. Todos os filmes da Disney que eu havia assistido e rebobinado e visto de novo duzentas vezes me diziam que eu precisava de um namoradinho. Mas eles não estavam lá. Uma vez uma amiga querida inclusive falou que eu era a única menina da sala de quem ela não sentia ciúme, porque eu claramente não conseguiria pegar o namorado dela. De uma delicadeza sem igual. E eu pensava: *pobres desses rapazes que não estão namorando comigo, eu daria uma excelente namorada, eles não têm ideia do que estão perdendo ao me rejeitar*. Talvez eu tenha escrito isso no meu diário, preciso checar. Mas eu realmente acreditava nisso, apesar de sempre ter me considerado superinsegura. Quanto à minha personalidade incrível, desta eu sempre tive certeza.

Em determinado momento, arranjei os namoradinhos que tanto queria e minhas expectativas, sempre muito acima do natural, não foram totalmente satisfeitas.

Achei ótimo, claro, mas hoje a gente vê que grande bobagem são essas cobranças que a gente se faz na adolescência. É uma época muito explosiva, confusa, gente chorando em todo recreio. Um drama que você acha que jamais terá fim. Em determinado momento descobri que meu jeitinho, que eu já sabia que era delícia, era ainda mais eficaz na arte da conquista do que um peito durinho e um rosto lisinho. Desde, é claro, que a conquista valesse a pena.



A CRISE DA FESTA VERSUS MOLETOM

Eu gosto de pensar que sou uma mo-
cinha faceira, superfesteira e que ado-
ra um badalo. Insisto diariamente
nesse pensamento. Toda hora as pes-
soas me chamam para festas e eu fico
muito animada, escuto músicas dan-
çantes o dia inteiro para me preparar
e imagino tudo de maravilhoso que
pode acontecer na festa. Mas quando
chega a hora de me arrumar, começo
a lançar olhares disfarçados para mi-
nha cama. Olho para o edredom, para
os quatro travesseiros, para o meu
computador, para a Netflix, lembro
como terminou o último episódio da

série que estou assistindo, penso num brigadeiro, numa pipoca, talvez um miojinho bem molenga. Eu tento me arrumar, tento me animar, mas a vida toda hora tenta me mostrar que essa não é a minha realidade. Eu, claro, ignoro, porque sou faceira. Vou à festa, na maioria das vezes até me divirto horrores, danço, faço amigos estranhos, vivo ótimas histórias que serão replicadas em muitas conversas de bar, mas chega um novo dia, chega uma nova festa — e de novo olho para minha cama e só imagino as coisas maravilhosas que podemos fazer juntas, sozinhas, só eu e ela.

Quando você consegue finalmente terminar essa autotortura mental e sair de casa toda engraçadinha e vai para o ponto de ônibus, vem uma nova onda de pensamentos. *Ainda estou perto de casa, dá para desistir; o que será que vai acontecer no próximo episódio daquela série? Quem me convenceu a ir para esse lugar? Ah, mas vai ser legal, tenho certeza, até porque, se for, não vou aguentar o suplício de ouvir histórias incríveis da única festa que perdi. Quem sabe não encontro um rapaz do bem... Mas e se não encontrar, ou encontrar mas não trocarmos telefones? Será que eu quero lidar com essa rejeição? Para que me colocar nessa posição? Muito melhor encontrar um rapaz do bem numa sorveteria derramando sorvete no chão. Não, Julia, isso não acontece, melhor então ir à festa sem expectativas. Já vou*

então fazendo uma promessa de que não vou ficar com ninguém desde já.

Depois de quarenta minutos de ônibus passando desesperados, com o letreiro que grita “TURISMO” ou “GARAGEM”, chega um que não está ansiando pelo fim do expediente. Você se lança nele desesperada, porque é a última chance de atravessar a ponte de Niterói para o Rio de Janeiro. Uma vez confortável em um assento, começa um sacolejar de ônibus que dá um soninho inigualável. Você imediatamente se arrepende de não estar enfiada num combo edredom + manta com meias peludas, banho tomado, de preferência depois de passar um óleo pós-banho com essência de conforto e alegria. Fecha os olhos e pode se imaginar sorrindo logo antes de pegar no sono. Você quer desistir mas já está perto do Rio, não dá mais para voltar, tem compromisso com amigos, com possíveis peguetes, com um salto alto.

Você chega à fila da festa e esse mesmo salto que te prometeu uma noite de sensualidade agora parece uma péssima ideia. Começa então a dança do passar-o-peso-de-uma-perna-para-a-outra, porque os calcanhares estão sobrecarregados, calcanhares estes que poderiam estar enfiados em uma pantufa. Já começa a se entupir de cerveja, porque lá dentro certamente vai estar o triplo do preço, só que você não bebe rápido, apesar de toda a pressão dos indivíduos que acreditam que uma pessoa

com valores é uma pessoa que bebe rápido. Ou seja, já na entrada da festa você está com fome, porque se esqueceu de comer algo em casa, já que se atrasou fantasiando a respeito da possibilidade de não sair de casa, e agora ainda está com a barriga estufada de meia lata de cerveja que foi tudo que você conseguiu beber até chegar sua vez na fila. Então você joga fora meia lata, ou dá para algum amigo que vira tudo em um segundo — um amigo com valores — e entra na festa.

Depois de um monte de cerveja vem o sentimento de que talvez um moletom fosse mais confortável do que uma meia-calça, principalmente quando o xixi bate na porta. Vai ter que levantar o vestido, tirar a meia-calça, abaixar a calcinha, agachar, se mijar inteira, arriscando cair no mijo dos outros, enquanto poderia estar em casa a dois segundos de um banheiro límpido como um céu ensolarado, sem nenhuma possibilidade de algo anti-higiênico acontecer e principalmente *com* papel para se enxugar de forma adequada.

Chega um momento da festa que você já está bêbada o bastante para deixar de lado as comparações com sua casa que só te fazem sofrer. Você fica na festa até o sol raiar, porque precisa de companhia para voltar para sua cidade, já que você mora tão longe da festa que nem devia ter ido. E quando enfim chega em casa e pode fazer tudo o que queria desde ontem, o sol já está

na janela, o clima já passou e você se sente mal por estar indo dormir de dia e sem tomar banho. Mas nada disso importa, porque você já não é ninguém, seu pé já não é ninguém, seu cabelo já parece ser feito de cigarro, o delineador já está na bochecha e, assim, no cúmulo da derrota, você se joga na cama cheia de culpa, imprimindo a maquiagem na fronha limpinha e cheirosa, para acordar às quatro da tarde e sentir que perdeu o dia.

Mas às vezes a festa é ótima e supervale a pena.